

A revolta de Eva



June Travassos Vasconcelos



June Travassos Vasconcelos

A revolta de Eva

São Paulo | 2025

 **aburto2**
editora

Copyright © June Travassos Vasconcelos, 2025

Copyright © Absurtos Editora, 2025

Edição e Preparação

Rose Almeida

Projeto Gráfico e Diagramação

Vanderley Sampaio

Capa e Revisão

Rose Almeida e Vanderley Sampaio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

V331 Vasconcelos, June Travassos.

A revolta de Eva / June Travassos Vasconcelos. — 1. ed. —
São Paulo : Absurtos, 2025.

100 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-86410-56-3

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Título.

CDD23: B869.1

Bibliotecária: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

ABSURTOS EDITORA

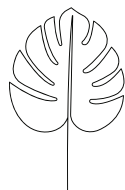
Rua Des. Dalmo do Valle Nogueira, 274, ap. 801

05641-060 – São Paulo – SP

www.absurtos.com

facebook e instagram: @absurtos

As costelas de Adão



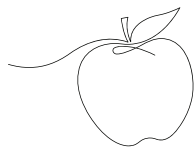
Um dia veio Eva
por muito tempo Eva viveu
na sombra das costelas de Adão
amarrada pela violência
escondeu-se no medo e na dor
durante séculos
o mundo cego
também se calou
até que a bravura de Eva criou raízes

Encarceradas, as raízes
abraçaram e estremeceram o solo
e o azul celeste que a examinava
já não a reconhecia

O tempo passou
as costelas de Adão
Eva ultrapassou

De tanto sofrer
Eva aprendeu a ser
Ciência
Filosofia
Filantropia
PO-E-SI-A
árvore que dá frutos
flores que embelezam
folhas que abrigam
fazem sombra
e assombram as costelas de Adão.

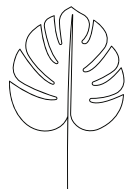
Uma dúvida



No verso das tuas costelas
um poema se espanta
ao ver que lá mora
a indecisão:
corda bamba
que dança tensa
sobre uma estrofe
em ação

Adão veio de Eva
ou Eva veio de Adão?

Maria



Veio também Maria
com toda doçura
e singeleza
guardada no véu
da realeza

Curvou-se diante da dor
a bravura do peito surgiu
como água que escorre
e lava o tormento dos homens
o amor derramou
e aos poucos a pureza emergiu
como vento que sopra
e corre em devaneios
a benção se espalhou
e o mundo todo cobriu

Trouxe no esplendor da mulher
coragem
encanto
e candura.

Eva Maria

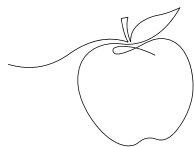
Por que quiseram destruir
o canto de Eva?
para disfarçar criaram Maria

Maria
vertente de Eva
parte pura de Eva
deságua nas águas do ser
como um rio brando
esvazia e suaviza
a consciência de Eva
que por muito tempo
a atormentou

Uniram-se e protestaram:
abaixo
a castidade
de Adão

Eva e Maria
Maria e Eva
Ave Maria
Eva Maria!

Mulher de mentira



Sem nem um visgo de vaidade
nem um traço de orgulho
indiferente a derramar
qualquer pedaço de saudade
como poderia ser Amélia
a mulher de verdade?

Acaso fosse
seríamos
mulheres de mentira.

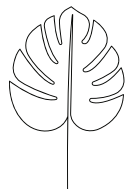
O voo de Amélia

Na herança da vida
a ti, também cabe
uma parte deste
mundo

Bebes
do brilho da Terra
sem cegar o teu canto
desliza na valsa
cativante dos sonhos
abre a gaiola
e voa, Amélia
abraça o vento
que liberta o
pensamento
voa sem medo
do que te pertence
constrói teu ninho

E desvendarás no céu aberto
a mulher que sempre foste.

Geni



Quando Geni se vestiu de Eva
na pele de Adão
foi debochada
escorraçada
viveu a dor da mulher na sua aflição

Veio o Zepelim

Rogaram para Geni se vestir de Eva
na pele de Adão
foi rainha
adorada
aplaudida
beijaram de joelhos a sua mão

E Geni se vestiu de Eva
na pele de Adão
novamente
rainha
adorada
aplaudida
beijaram de joelhos a sua mão

Um dia
o Zepelim foi embora

Geni
presa silenciosa da situação
filha piedosa
da humilhação
como um cordeiro
defendeu aquela gente

Iludida
desprezada
se vestiu de Eva
na pele de Adão...

Jogada na lama
debochada
usada
escorraçada

Plantou a roupa no corpo
nunca mais deixou de ser Eva
ergueu a cabeça
e vociferou:

— Eita, que gente desalmada!

Oh, negras!

Oh, negras!

Suas peles, suas vestes, seus cabelos
sublinham de história os caminhos

Oh, negras!

suas vozes, seus sorrisos, seus rebolados
desfilam de encantos os caminhos

Oh, negras!

suas crenças, suas forças, seus silêncios
envolvem de memórias os caminhos

Oh, negras!

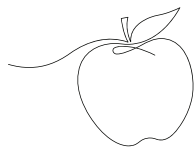
suas lutas, suas labutas, seus sofrimentos
sussurram de glória os caminhos.

E seguem rentes

como rochas quentes

um dia, serão pedras fundamentais.

Mesmo assim!



Vidas escravizadas
crianças arrancadas
mesmo assim
os filhos dos brancos
elas amamentaram

Maridos levados
pertences tomados
mesmo assim
as mesas e as camas dos brancos
elas serviram

Peles machucadas
virtudes tiradas
mesmo assim
quando os brancos
quase morreram
elas ressuscitaram

Direitos negados
liberdades roubadas
corpos marcados
almas caladas
e para os brancos
elas labutaram...

Mas quem curou suas próprias feridas?

Iracema: sangue e raiz

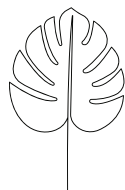
Ontem, Iracema dos lábios de mel
padronizadas índias
hoje, Iracema dos lábios de batom
resgatadas indígenas

Com o sangue da sua valentia
com o sangue da sua coragem

Continuam mães das florestas
mães dos rios
mulheres!

Como mães
nunca irão deixar de regar
e amamentar a Terra

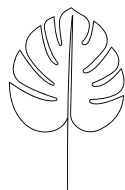
Com o sangue da sua luta
com o sangue da sua resistência



Como mães
nunca deixarão de tingir
abraçar
e preservar sua gente
sua ancestralidade

Com o sangue da sua história.

Entre cristal e pedra



Igual a um cristal ou a uma pedra rude
é a mulher, raiz que floresce a vida
não o pecado por causa de uma atitude
nem o silêncio de uma voz esquecida

Igual a um cristal ou a uma pedra rude
é a mulher, semente tão florida
não aquele verso com rédea curta
nem uma canção que ficou banida

Mulher é árvore grande, frondosa
não a amargura dos espinhos
nem a queda das folhas amareladas

Mulher é o néctar caindo da rosa
não aves que gorjeiam fora do ninho
nem uma condenada a ser julgada.

Essas mulheres

Com leveza e soberana altivez
vão traçando engenhosos caminhos
mesmo com pedregulho e rigidez
nem tempestade derruba seus ninhos

Alçam grandes voos, cada um por vez
com discrição, leveza e muito tino
nada fomenta a insensatez
aos poucos preparam seu destino

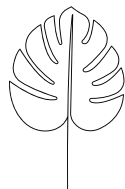
Sempre são assim essas mulheres
um rio que molda as pedras do dilema
sinalizam o que elas sabem

Ensinam sem reveses, nem combates
sem sombra de ladainha, cantilena
são faróis que iluminam o que valem.

Passarela da igualdade

Há espaço
abram alas
elas vão passar
desembrulhadas na dor
e constrangimento
na passarela da vida
vão desfilar
o corpo é delas
a voz é delas
o desejo e a vontade
o gosto e o prazer
são delas
vamos celebrar
na passarela do tempo
vão eclodir
infladas de contentamento
pisam nos tormentos
pulam na felicidade
saltam alto
flamejam a bandeira
do empoderamento
fincam
erguem e tremulam
a bandeira da igualdade.

Engomando o silêncio



Na doçura quente da vida
no avental das horas extras
prepara-se o alimento no silêncio
os trajes sujos da alma são lavados
o dia é engomado em deselegância...
segue-se no cabresto uniforme das tarefas
suportando as vértebras arqueadas da lida

Será o robô sempre uma mulher?